

A grande roda da saúde coletiva: cuidado, acolhimento e saúde mental em Ouro Preto / MG

Aisllan Diego Assis^{1*}, Isabel Prado²

¹ Professor no Departamento de Medicina de Família, Saúde Mental e Coletiva. Escola de Medicina. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35.400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

² Mestra em Saúde Coletiva. Terapeuta da Iluminar Práticas Integrativas. 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

* E-mail do autor correspondente: aisllanassis@ufop.edu.br

Submetido em: 01 jun. 2020. Aceito: 24 set. 2020

Resumo

O objetivo do trabalho é apresentar os resultados do programa de extensão “A Grande Roda da Saúde Coletiva” da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O programa é realizado desde 2019 e tem por objetivo apoiar a Rede Intersetorial de Saúde Mental e Atenção Psicossocial do município. Está estruturado em quatro projetos estratégicos: os cursos de extensão 1) Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial; 2) Abordagens do suicídio: cuidado, acolhimento e prevenção; 3) o Grupo de Acolhimento; e 4) a Comunidade de Fala, sendo que suas atividades adotam as práticas integrativas e complementares em saúde (PIC's) e as rodas como técnica grupal. O programa já realizou mais de mil atendimentos no Grupo de Acolhimento, formou 150 pessoas nos cursos de extensão, que por meio de suas conferências públicas, alcançaram mais de 1000 pessoas. Em 2020, foi criado o “Acalento: Grupo de acolhimento virtual aos profissionais de saúde”, a “Comunidade de fala” para usuários da saúde mental e os cursos de extensão serão oferecidos na modalidade à distância, como formas de acolhimento e educação durante a pandemia da COVID -19. Assim, A Grande Roda da Saúde Coletiva segue girando e criando novas formas de cuidado e acolhimento na cidade.

Palavras-chave: Saúde Coletiva, Saúde Mental, SUS, Extensão Universitária, Relações Comunidade-Instituição, Educação em Saúde.

Abstract

The great wheel of collective health: care, host and mental health in Ouro Preto / MG

The objective of the work is to present the results of the extension program “The Great Wheel of Public Health” at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). The program has been running since 2019 and aims to support the municipality's Intersectoral Network for Mental Health and Psychosocial Care. It is structured in four strategic projects: extension courses 1) Mental Health, Human Rights and Psychosocial Care; 2) Approaches to suicide: care, reception and prevention; 3) the Host Group; and 4) the Speech Community, with its activities adopting integrative and complementary health practices (PICs) and wheels as a group technique. The program has already served more than a thousand people at the Host Group, trained 150 people in extension courses, which through its public conferences, reached more than 1000 people. In 2020, the “Acalento: Virtual host group for health professionals” was created, the “Speech community” for mental

health users and extension courses will be offered in the distance mode, as forms of reception and education during the pandemic of COVID -19. Thus, The Great Wheel of Collective Health continues to rotate and create new forms of care and welcoming in the city.

Keywords: Collective Health, Mental Health, SUS, University Extension, Community-Institutional Relations, Health Education.

Introdução

Ouro Preto, cidade patrimônio da humanidade, localizada na microrregião dos Inconfidentes, em Minas Gerais, tem uma população próxima dos 75 mil habitantes (IBGE, 2020). O Sistema Único de Saúde (SUS) do município está organizado em níveis de atenção que perfazem: a) um conjunto de serviços de atenção primária à saúde (APS) da Estratégia Saúde da Família (ESF) de implantação recente e incompleta; b) serviços de especialidade médica e em saúde, unidade de pronto atendimento (UPA) com capacidade avançada de cuidados, incluindo a Rede Intersetorial de Saúde Mental e Atenção Psicossocial (RAPS); c) um hospital, com leitos de psiquiatria e saúde mental, e recentemente, o município recebeu um hospital de campanha com 40 leitos de atenção intermediária e de baixa complexidade para enfrentamento da pandemia da Covid-19 na cidade.

A epidemiologia do município revela padrões de morbidade e mortalidade que têm especificidades como é o caso de adoecimentos ligados a prática mineradora, ou seja, uma determinação histórica e ambiental que se diferencia dos padrões nacionais (BEZERRA *et al.*, 2017). O município tem um perfil de morbidade e mortalidades marcados pela persistência de agravos de saúde crônicos e infectocontagiosos; padrão bem acima de doenças ocupacionais ou causadas por acidente industrial (MARINHO *et al.*, 2017) e uma

população grande de jovens estudantes com itinerários terapêuticos dependente do SUS e da Universidade (FIGUEIREDO *et al.*, 2014.). Os grupos de risco são de diferentes descrições, tais como idosos, trabalhadores em área de risco, doenças crônicas e residuais e estão distribuídos de forma dispersa e em grande extensão territorial, parte considerável de contexto rural (FREITAS *et al.*, 2007).

A Atenção Psicossocial no município de Ouro Preto iniciou suas atividades em novembro de 1998, com o Núcleo de Atenção Psicossocial. Em 2001, com a 1ª Conferência Municipal de Saúde Mental, iniciou-se o processo de credenciamento do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS 1), mas por ser a única referência de atendimento especializado em Saúde Mental no município, era chamado de “CAPS tudo”.

A partir de 2007, inicia-se a organização da Rede de Atenção Psicossocial de Ouro Preto (RAPS). Em 2008, o serviço de Saúde Mental é descentralizado propiciando a ampliação da Rede de Saúde Mental sendo criados o Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSiJ), o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS-Ad), o ambulatório de psiquiatria na Policlínica e o serviço de psicologia na Atenção Primária em Saúde com equipe multiprofissional para matriciamento em saúde mental.

Em 2016, o CAPS1 iniciou um processo de discussão e estudo para a implementação da estratégia de territorialização em saúde mental.

Os encontros aconteceram durante oito meses com a participação da equipe do CAPS1, representantes do CAPSiJ e CAPS-Ad, representantes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e representante dos serviços de atenção primária. Em 2017, dando continuidade a territorialização, encerrou-se o ambulatório na Policlínica e os territórios do município foram divididos entre os profissionais na forma de referências técnicas iniciando as visitas aos territórios e comunidades.

Em 2018, o CAPS1 passa a CAPS II pela aprovação do credenciamento junto ao Ministério da Saúde, justo no momento que há uma franca diminuição do número de profissionais nas equipes de todos os serviços de saúde mental e uma retirada massiva dos recursos e investimentos para realização das atividades (MENDES *et al.*, 2018). Dessa forma, desde então, a RAPS de Ouro Preto enfrenta o avanço das políticas de contrarreforma no nível nacional da Política de Saúde Mental (NUNES *et al.*, 2019) e um processo de sucateamento e precarização dos serviços e equipes da atenção psicossocial da cidade.

Nessa situação, marcada por precarização do principal serviço público de saúde mental da cidade, o CAPS II, pela permanência de processos de trabalho marcadamente centrados no atendimento a buscas espontâneas que só cresciam em número e complexidade e com equipes profissionais bastante reduzidas e com pouco apoio institucional, que a RAPS do município vinha sustentando os atendimentos de saúde mental à população. Esse quadro vem sendo agravado pela crise econômica e política do país, mas também pelos problemas advindos dos crimes e acidentes ambientais ligados a mineração na região.

A partir das interações e projetos realizados por estudantes e professores da Escola de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) autores desse trabalho, em parceria com profissionais e usuários da RAPS do município, foi possível convocar esforços e construir uma estratégia de apoio e sustentação à política de saúde mental de Ouro Preto, focando na qualificação do trabalho realizado pelas equipes e em atendimentos grupais como forma de cuidado e acolhimento das pessoas. Assim nasceu o programa de extensão “A Grande Roda da Saúde Coletiva: cuidado, acolhimento e saúde mental” na forma de uma rede de ações e pessoas de apoio aos serviços e profissionais de saúde mental da cidade.

Essa rede de pessoas e práticas foram se desenvolvendo durante as atividades e encontros dos projetos e cursos, passando a uma interação mais contínua e duradoura. Assim, quando se nomeou o programa como “A Grande Roda da Saúde Coletiva”, buscou-se a representação da roda como circularidade de conhecimentos e aprendizados, a ligação e vínculo desenvolvidos entre os participantes e, mais especialmente, a construção de espaços de cuidado e acolhimento às pessoas em sofrimento mental.

O programa foi idealizado e concebido em rodas de conversas entre profissionais, professores, estudantes e usuários, abarcando quatro projetos estratégicos: 1) Como estratégia de educação permanente em saúde e formação em saúde mental criou-se o curso de extensão “Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial”; 2) Como forma de sensibilização da comunidade e acolhimento de vítimas e sobreviventes foi realizado o curso de extensão “Abordagens do suicídio: cuidado, acolhimento e prevenção”; 3) o “Grupo de Acolhimento” do CAPS II foi construído como experiência de

transformação do modelo assistencial do serviço de saúde mental e atenção primária em saúde (APS); e a 4) “Comunidade de Fala” foi construída como estratégia de empoderamento, construção da cidadania e defesa dos direitos dos usuários, familiares e profissionais da saúde mental.

Esses projetos foram pensados e planejados tendo como fundamento os princípios do cuidado integral em saúde, do acolhimento como estratégia de transformação e humanização das práticas de saúde no SUS; e a Saúde Mental como campo político, cultural, interdisciplinar e científico do cuidado ao sofrimento psíquico que integra inclusive, a loucura em suas diferentes manifestações artísticas e culturais (AMARANTE, 2007, p. 61-80).

Para além de sua proposta e estrutura, esse programa de extensão nasceu do diálogo e aliança entre pessoas (profissionais e usuários da universidade e do serviço de saúde) e de movimentos sociais organizados na luta e defesa dos direitos humanos e da reforma psiquiátrica brasileira (AMARANTE; NUNES, 2018). Por isso, propõe-se como estratégia educativa e formadora para estudantes, profissionais, usuários e gestores no fortalecimento dos compromissos e responsabilidades de todos na construção da política de saúde mental. E mais especialmente, por propiciar a circulação de ideias, o aprendizado coletivo e a potência dos vínculos de solidariedade e apoio mútuo, o programa se constitui como uma proposta de transformação das relações entre Universidade, serviços de saúde do SUS e população em prol do desenvolvimento e sustentação da política local de saúde mental.

O programa foi planejado, inicialmente, para se realizar nos anos de 2019 e 2020, sendo que seus projetos foram sendo efetivados de forma progressiva e modular de modo a integrar os

diferentes tempos e regimes institucionais envolvidos. Sua avaliação e resultados serão apresentados e analisados neste trabalho destacando aspectos quantitativos e os desafios para realização das ações extensionistas. O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados do programa de extensão “A Grande Roda da Saúde Coletiva” da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), realizado na cidade de Ouro Preto - MG.

Material e Métodos

O programa de extensão “A Grande Roda da Saúde Coletiva” adota as práticas grupais como meio e estratégia educativa e para o cuidado em saúde (BAREMBLITT, 1982, p. 169-202). De forma transversal, incorpora as PICs valorizando a integração corpo-mente das políticas de saúde e educação permanente do SUS (PRADO, 2017). A extensão e alcance das ações do programa são possíveis graças às articulações feitas entre Universidade e comunidades, além dos serviços de saúde do SUS e convidados e apoiadores de várias partes do país, concretizando a extensão universitária como função social da Universidade Pública (GADOTTI, 2017). Assim, a expressão “grande roda” representa exatamente essa fecunda ligação entre pessoas, instituições, histórias e conhecimentos. O programa de extensão é realizado por meio de 4 ações extensionistas: 2 cursos de extensão e 2 projetos de extensão. Todos fundamentados no cuidado e acolhimento como práticas humanizadas, educativas e transformadoras (CHAUCHARD, 1973, p. 155-191)

A primeira delas é o Grupo de Acolhimento do CAPS II – Casa dos Artistas de Ouro Preto, ação que objetivou introduzir a prática grupal como método e *práxis* de acolhimento no cotidiano deste serviço de Saúde Mental.

Outra ação do programa é o Curso de Extensão Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial oferecido à estudantes, profissionais, professores e pessoas da comunidade para a atualização dos conceitos teóricos e práticos do trabalho em saúde mental.

O curso de extensão “Abordagens do suicídio: cuidado, acolhimento, prevenção” constituiu-se como ação extensionista que buscou articular a Universidade, as comunidades e os serviços públicos para a construção de projetos eficazes e com abordagens acolhedoras diante do fenômeno do suicídio na cidade.

A Comunidade de Fala de Ouro Preto constitui-se como a quarta ação extensionista do programa e integrou estudantes, voluntários, profissionais, gestores do SUS, usuários e familiares dos serviços de saúde mental de Ouro Preto para a criação de um espaço de visibilidade para os portadores de transtorno mental, sustentando um lugar de fala para a promoção da autonomia, protagonismo e empoderamento destas pessoas.

O programa “A Grande Roda da Saúde Coletiva” adota nessas ações extensionistas uma metodologia que integra: 1) Os sentidos da roda: práticas grupais no cuidado e formação em saúde mental; 2) Articulações entre Universidade e Comunidade; 3) Práticas Integrativas e Saúde Mental, conforme apresentada a seguir.

Os sentidos da roda: práticas grupais no cuidado e formação em saúde mental

Todo o programa é realizado por meio de práticas grupais voltadas para educação e formação em saúde (rodas formativas e restaurativas), de grupo terapêutico especializado em acolhimento e saúde mental e grupo de

empoderamento e cidadania de usuários da saúde mental, a comunidade de fala.

As rodas formativas são metodologias voltadas para a educação e formação colaborativas, nas quais experiências e conhecimentos são compartilhados entre os participantes de forma a promover a construção coletiva de soluções para problemas e situações compartilhadas (WARSCHAUER, 2001, p. 175-191). Assim, os cursos de extensão se realizaram através de conferências públicas abertas a toda população e por rodas de conversas entre especialistas convidados, trabalhadores, usuários da RAPS e familiares, favorecendo o compartilhamento de ideias, conhecimentos e experiências acerca do cuidado, da gestão e da realização do acolhimento às diferentes formas do sofrimento psíquico.

As rodas restaurativas são encontros circulares, uma roda dialogal, que permitem a participação de pessoas envolvidas num conflito ou situação de risco, direta ou indiretamente, objetivando a resolução de problemas, reparação de danos, restauração de segurança e dignidade (WARSCHAUER, 2017, p. 103-142; JESUS, 2017). O objetivo das rodas restaurativas não é apontar culpados ou vítimas, buscar o perdão e a reconciliação, mas sim a percepção de como as ações praticadas afeta as pessoas (PRANIS, 2010, p. 25-32). Essa técnica grupal foi especialmente útil para realização do curso de extensão Abordagens do Suicídio, pois a temática e as histórias ligadas ao suicídio na cidade remontam a experiências de intenso sofrimento e conflitos sociais.

Os grupos de acolhimento são modalidades terapêuticas grupais e de organização do acesso aos serviços de saúde do SUS (BRASIL, 2013). Os grupos, enquanto tecnologia de cuidado complexa e diversificada, são aplicados pelas

mais diferentes molduras teóricas, sendo essenciais para formulação de dinâmicas grupais. O processo grupal permite uma poderosa e rica troca de experiências e transformações subjetivas que não seria alcançável em um atendimento do tipo individualizado (LANE, 1989, p. 78-98).

Na realização do grupo de acolhimento do CAPS II privilegiou-se a participação ativa dos participantes na direção de realizar a tarefa grupal de reorganizar o processo de trabalho do serviço e facilitar o acesso às ações preventivas e assistenciais da equipe de saúde mental (ZARA *et al.*, 2008). O grupo de acolhimento se caracteriza por um grupo terapêutico aberto cuja tarefa é realizar o acolhimento (ROGERS, 2009, p. 17-49) e acompanhamento das pessoas que buscam o CAPS II, sendo referência para o primeiro atendimento no serviço e para os outros serviços da APS e da RAPS.

O grupo de acolhimento do CAPS II é realizado 4 vezes na semana, das 8 h às 11 horas com agendamento prévio feito na recepção do serviço ou por telefone. São atendidas até 18 pessoas por sessão conduzidas por profissionais do serviço, juntamente com estudantes bolsistas ou voluntários do programa de extensão. As sessões se iniciam com a construção da roda estimulando a participação ativa das pessoas. São utilizadas diferentes técnicas grupais, na forma dos giros da roda. No 1º giro há apresentação dos participantes, exposição de sentimentos e histórias trazidas por eles, assim como suas expectativas para o atendimento. No 2º giro os participantes são convocados a uma construção coletiva de saídas e soluções. No 3º giro da roda são feitos encaminhamentos técnicos pelos coordenadores do grupo e realizado o encerramento do grupo com técnicas grupais de apoio mútuo.

A comunidade de fala é um projeto anti-estigma, proposto pelo jornalista estadunidense Richard Weingarten, que se dirige ao incentivo à autonomia, protagonismo e empoderamento dos usuários de serviços de saúde mental, bem como trocas de experiências, reabilitação psicossocial e reinserção social (COSTA; NOAL, 2017). As comunidades de fala surgiram no Brasil a partir das experiências da Reforma Psiquiátrica buscando potencializar ações das associações de usuários e familiares dos serviços de saúde mental, integrando a equipe e usuários por meio do autocuidado e da autogestão, construindo um espaço permanente de reivindicação e defesa dos direitos dos portadores de transtorno mental. Através de experiências pioneiras realizadas nas cidades do Rio de Janeiro/RJ e Campinas/SP, essa prática grupal se difundiu para vários outros serviços de saúde e saúde mental no país (VASCONCELOS *et al.*, 2005, p. 25-49).

A comunidade de fala de Ouro Preto se realiza por meio de reuniões abertas e apresentações públicas dos usuários dos serviços de saúde mental em escolas, Universidade e espaços públicos. Por meio das narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental exercitam o empoderamento, possibilitando novos sentidos e propósitos para vida, ajudando estes a sair do isolamento, construir vínculos de confiança e competência para enfrentar os desafios na vivência do transtorno mental e do trabalho em saúde mental (WEINGARTEN, 2005, p. 08-15).

Articulações entre Universidade e Comunidade

O programa de extensão está integralmente articulado ao ensino da saúde coletiva realizado no Curso de Medicina da UFOP. O CAPS II já é cenário de aprendizagem dos estudantes do

curso em diferentes disciplinas do currículo médico (saúde mental e psiquiatria, política, planejamento e gestão da saúde, por exemplo) e sua equipe atua na preceptoria e apoio dos estudantes do curso de medicina e de outros cursos da Universidade. Assim, o programa potencializa a vocação do serviço e da equipe como espaço de cuidado e formação, bem como cria novas oportunidades para formação dos estudantes. Por ser uma proposta baseada na educação permanente em saúde, se efetiva pela reflexão e transformação das práticas e do trabalho em saúde. Portanto, se articula aos princípios da interação ensino-serviço-comunidade do SUS e da Saúde Coletiva (DOLNY *et al.*, 2020; MENDES *et al.*, 2018).

Na tentativa de avançar para além das formas mais comuns de articulação ensino – assistência, esse programa de extensão busca articular às suas práticas a análise e divulgação dos conhecimentos produzidos no âmbito de suas ações, através de duas estratégias: o registro, memória e análise de todas as ações, produtos e resultados em grupos de trabalho que integram a equipe do programa, usuários e trabalhadores da RAPS; e na escrita e publicação de artigos científicos voltados para explicitação das práticas e conhecimentos produzidos no processo. Assim, ao mesmo tempo em que se incrementa um espaço privilegiado de análise e reflexão no âmbito do programa, cria-se um repositório de conhecimentos que podem ser compartilhados na tentativa de ajudar outras comunidades e serviços da região.

O CAPS II é hoje o serviço de saúde mental mais buscado e indicado para o atendimento de pessoas em sofrimento psíquico no município. Mesmo caracterizado como um serviço especializado no atendimento de pessoas com transtorno mental grave e persistente, o CAPS II

recebe diariamente inúmeras pessoas que vivenciam diferentes formas do sofrimento psíquico. É o caso das diferentes pessoas que chegam ao serviço encaminhadas pela Unidade de Pronto Atendimento (UPA) ou pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) dos bairros e comunidades.

Nesse sentido, esse programa de extensão se volta para a complexa articulação entre o aumento das demandas sociais por cuidado e acolhimento ao sofrimento psíquico e a drástica redução da equipe e recursos da RAPS, no sentido de apoiar, integrar e renovar as possibilidades de abordagem e atendimento a essas pessoas. Para além dos usuários e familiares que já são atendidos pelo CAPS II, o programa se volta especialmente para o fortalecimento das equipes e para o atendimento de pessoas que chegam neles por diversos motivos, mas sempre em situações psicossociais complexas.

O programa de extensão foi construído através da articulação de diferentes pessoas que por sua vez integram diferentes instituições de ensino, assistência em saúde mental e de arte e cultura. Através dessas parcerias o programa formou uma rede solidária de pessoas de diferentes estados do país em prol da sua realização. Assim, foram acionados parceiros na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da Escola Nacional da Saúde Pública (ENSP / FIOCRUZ), de um serviço de saúde mental da cidade de Santos/SP e de grupo artístico cultural baiano da cidade de Salvador. A articulação dessas pessoas e instituições se efetivou através das rodas formativas e restaurativas e através da reformulação do projeto institucional do CAPS II para qual foram convidadas a orientar o desenvolvimento de

soluções e projetos para o serviço.

O modelo de avaliação do programa é centrado no cumprimento e sustentação das ações e em processos coletivos de apreciação e qualificação dos resultados alcançados. Para cada projeto elaborou-se indicadores de acompanhamento das ações e resultados, sendo os integrantes das equipes estimulados a se envolver nas ações de acordo com suas capacidades e interesse. Os momentos de avaliação do programa de extensão também foram realizados por meio de rodas de conversas, onde todos podiam falar de suas expectativas, corrigir erros e enfrentar os desafios, conjuntamente (FURTADO *et al.*, 2013).

Práticas Integrativas e Saúde Mental

A utilização das PIC's, em sua diversidade de métodos e técnicas, ocorreu de forma transversal em todas as atividades e ações realizadas durante o programa de extensão.

Considerando a orientação para a realização das PIC's em ações e serviços de Saúde Mental, presentes em diversos documentos e manuais do Ministério da Saúde brasileiro, como o Caderno de Atenção Básica nº 34 para Saúde Mental (BRASIL, 2013) e pela própria Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (BRASIL, 2014), a inserção das PIC's como tecnologia de cuidado nas práticas em saúde do município, especialmente na saúde mental, mostrou-se fértil e potente uma vez que estas eram realizadas de forma ainda muito tímida e difusa.

As PIC's contemplam sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos que “buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no vínculo terapêutico e na

integração do ser humano com o meio ambiente a sociedade” (BRASIL, 2014, p.13). Nesse sentido, as PIC's, além de práticas que integram o saber popular/tradicional com o saber científico, tornam-se também práticas integradoras do ser humano com sua própria natureza e com a natureza que o cerca, bem como integram entre si um rol de saberes e práticas das mais variadas culturas e tradições, como por exemplo, a Medicina Tradicional Chinesa, a Medicina Ayurveda (Indiana) e a Medicina Antroposófica (PRADO, 2017).

Na prática, a oferta e realização das PIC's no Programa “A Grande Roda da Saúde Coletiva” e no CAPS II objetivou a oferta de cuidado humanizado para os profissionais do serviço e participantes do curso de extensão Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial, como metodologia ativa para a transformação do modelo de atenção à saúde na rede de atenção do município e na formação dos estudantes de Medicina da UFOP, modelo este ainda muito mais próximo do modelo biomédico do que dos modelos mais ampliados em saúde (TESSER, 2006).

Sendo assim, foram realizadas diversas ações durante o programa que incluíram as PIC's, dentre elas, a Conferência “Práticas Integrativas para a Saúde Mental”, realizada em 12 de junho de 2019 no Anexo do Museu da Inconfidência, como parte da programação do curso de extensão Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial. Nesta conferência aberta, que contou também com a participação de diversos profissionais da rede de atenção à saúde do município e de estudantes da UFOP, foram apresentadas as possíveis aproximações e aplicabilidades das PIC's para a Saúde Mental. Neste mesmo dia, no período da tarde, os cursistas foram até o CAPS II onde foi montada

toda uma estrutura para a oferta de PIC's: massoterapia, auriculoterapia, reiki, meditação, yoga, música e dança circular. Assim, todos puderem experienciar as práticas, recebendo cuidado e acolhimento para suas demandas físicas, psíquicas e emocionais.

As PIC's também foram integradas ao trabalho de supervisão clínico-institucional do CAPS II através da realização de oficinas de autocuidado para os profissionais do serviço onde foram ofertadas práticas corpo-mente, meditação, imposição de mãos e aromaterapia. Ainda como parte da supervisão, foi realizado um evento para a eleição do nome do CAPS II, realizada através de uma grande roda com usuários e seus familiares, representantes de movimentos sociais, profissionais do serviço e comunidade local. Neste encontro, democraticamente foi eleito o nome "Casa dos Artistas" para o CAPS II de Ouro Preto-MG, uma referência histórica e uma homenagem aos atuais artistas que ocupam a casa: usuários, familiares e profissionais da saúde mental.

Outras atividades do programa também contemplaram as PIC's, como a realização de danças circulares no minicurso "Os sentidos da roda" e nas conferências dos cursos de extensão.

Todas as ações em PIC's realizadas durante o programa mostraram-se profícuas e demonstraram a necessidade da integração das PIC's como política institucional nas instâncias da saúde mental e da APS, considerando os diversos limites existentes nesses campos para a atenção integral à saúde da população.

Assim, esta experiência demonstrou a potência da utilização das PIC's como método de cuidado, acolhimento, tratamento e atenção à saúde no SUS, sobretudo porque prioriza as práticas grupais em detrimento das individuais e porque utiliza de mecanismos de baixo custo e

não invasivos para a atenção integral à saúde e bem estar das pessoas.

Resultados e Discussões

Como forma de apresentar e discutir os resultados do programa optou-se por apresentá-los por ação extensionista realizada, conforme a seguir:

Grupo de Acolhimento do CAPS II – Casa dos Artistas

Com o grupo de acolhimento, tem-se reformulado o projeto institucional do CAPS II – Casa dos Artistas, integrando os diferentes profissionais da equipe, oficinas e demais atendimentos através das práticas integrativas e grupais, aumentando a capacidade de atendimento e o cuidado entre profissionais e usuários. O grupo de acolhimento do serviço reorganizou o acesso dos usuários de modo que recebe, acolhe e referencia as demandas espontâneas sem, necessariamente, vincular as pessoas como usuários do serviço, aumentando o número de pessoas atendidas e, evitando a estigmatização da demanda por atendimento à saúde mental.

O grupo de acolhimento do CAPS II – Casa dos Artistas obteve entre os meses de março a dezembro de 2019, 1177 participações em sessões realizadas 4 vezes por semana, das 8 às 11 horas. O Figura 1 mostra o de número de participantes por mês e a média de participantes por sessão e por mês no grupo de acolhimento do CAPS II – Casa dos Artistas de março a outubro de 2019. Importante destacar que a média de participantes por sessão variou de 7,5 no mês de junho de 2019, chegando a 11,5 em setembro. Considerando que o mês de setembro coincide com ações de prevenção do suicídio em âmbito

nacional e local, o aumento de participantes no grupo de acolhimento nesse mês pode indicar maior procura por cuidado e acolhimento diante

de sofrimento psíquico ou crise suicida (BOTEGA, 2015, p. 248-269).

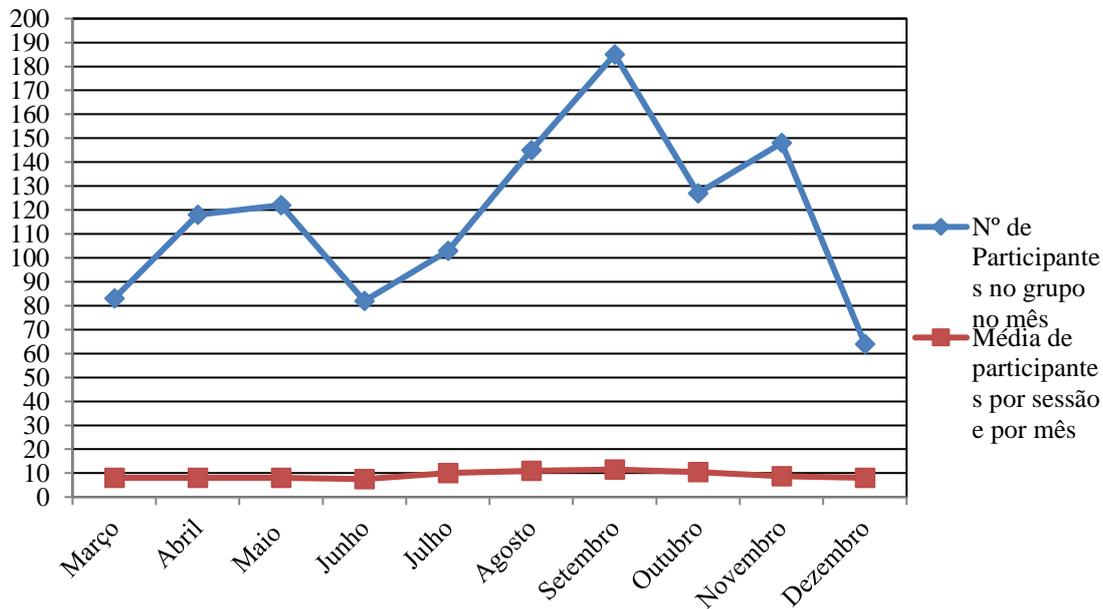


Figura 1. Número de participações no Grupo de Acolhimento do CAPS II- Casa dos Artistas de março a dezembro de 2019

O desempenho do grupo de acolhimento foi verificado pelo caderno de agendamentos, pelo livro de registros do grupo e pelas folhas de assinatura de presença de cada sessão. Os temas abordados nas sessões foram levantados no livro de registro do grupo. O atendimento é verificado pela participação na sessão do grupo de acolhimento, por isso uma pessoa poderá ter participado de várias sessões do grupo. O desempenho do grupo de acolhimento demonstra a capacidade e regularidade da oferta de atendimentos à saúde mental da população pelo projeto.

O grupo de acolhimento se constitui como experiência de formação e transformação das práticas dos profissionais e gestores do CAPS II - Casa dos artistas, ao mesmo tempo em que se tornou o primeiro e mais qualificado atendimento oferecido em saúde mental na cidade. Também

se tornou cenário de ensino aprendizagem para estudantes de medicina e outros cursos da UFOP, além dos participantes do curso de extensão Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial. Aos usuários do SUS, especialmente os cadastrados na atenção primária em saúde e no próprio CAPS II – Casa dos Artistas, o grupo de acolhimento se constituiu como local de pronto acolhimento para suas demandas em saúde mental. Os temas recorrentes nas sessões do grupo de acolhimento são: 1º Depressão, 2º Suicídio, 3º renovação de receitas de medicamentos, 4º crises

A equipe de profissionais auxiliares e técnicos do CAPS II- Casa dos Artistas participaram ativamente da construção e realização do grupo de acolhimento, inclusive se responsabilizando pela marcação e agendamento, lanche e registro das sessões,

além da limpeza e qualidade do espaço de realização do grupo de acolhimento. Também participaram de todas as reuniões de supervisão, além de eventos e cursos de formação. Também como trabalhadores de saúde mental incorporam posturas e conhecimentos ao seu processo de trabalho.

As equipes de gestão e coordenação da Secretaria Municipal de Saúde e da RAPS do município apoiaram, divulgaram e participaram de todo processo de construção, sustentação e aperfeiçoamento do grupo de acolhimento do CAPS II – Casa dos Artistas.

Em 2020, o grupo de acolhimento do CAPS II – Casa dos Artistas se manterá em funcionamento, mas com redimensionamento do projeto, iniciando-se a construção do grupo de acolhimento em serviço da rede de Saúde da Família do município, sendo os distritos de Amarantina e Antônio Pereira, os primeiros a receber o projeto. Em março desse ano, as atividades do projeto foram suspensas devido à adoção de medidas de prevenção, proteção e enfrentamento da pandemia da COVID-19.

Foram realizadas reuniões da equipe do projeto, juntamente com a coordenação da RAPS do município para reformulação do projeto na forma “Acalento: Grupo de acolhimento virtual aos profissionais de saúde de Ouro Preto / MG”. O grupo será realizado quinzenalmente, por meio de aplicativo de conversas e videoconferências estando voltado, exclusivamente, para os profissionais de saúde que atuam no enfrentamento da pandemia no município.

Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial

A Reforma Psiquiátrica no Brasil tem como objetivo buscar uma nova forma de lidar com a experiência da loucura, transformando as instituições, os saberes, a cultura e as relações com as pessoas que vivem com transtorno mental (AMARANTE; NUNES, 2018). Nesse sentido, a saúde mental tem contribuído com grandes inovações no que se refere ao conceito de saúde, enquanto produção de vida, cuidado, à organização dos serviços de saúde, ao trabalho intersetorial, a invenção de outra clínica e à participação popular (BARBOSA *et al.*, 2016).

Nessa perspectiva, a proposta do curso de extensão Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial é constituir uma experiência renovadora e de atualização dos conceitos teóricos e práticos do trabalho em saúde mental de modo a dar vitalidade, visibilidade e renovação ao trabalho realizado nos serviços de saúde mental de Ouro Preto. O curso oferece a oportunidade de formação básica em saúde mental e tem duração de 60 horas divididas em atividades interligadas de cunho teórico e prático chamadas rodas formativas.

Foram realizadas 05 rodas formativas entre os meses de março e julho de 2019 com convidados de diferentes partes do país, que através das conferências públicas do curso, atenderam 376 pessoas, entre estudantes, profissionais e comunidades. Como apresentado na Figura 2, os cartazes de divulgação das rodas formativas, assim como todo material do curso foram ilustrados com imagens produzidas por usuários do CAPS II – Casa dos Artistas.



Figura 2. Cartazes de divulgação das rodas formativas do curso de extensão Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial, 2019

Todas as conferências públicas do curso foram ministradas por especialistas nacionais convidados que ofereceram aos participantes conhecimentos e experiências concretas do estudo e trabalho em saúde mental. Nas rodas de conversas com os especialistas os participantes puderam tirar dúvidas, receber orientações e

trocar experiências diretamente e em grupo, conforme mostra a Figura 3. Nas reuniões de orientação para os trabalhos de conclusão do curso cada participante recebeu e pôde compartilhar experiências e conhecimentos do trabalho em saúde mental e saúde coletiva.



Figura 3. Rodas formativas do curso de extensão Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial, 2019

De agosto a dezembro de 2019, os participantes do curso realizam o ciclo de formação prática participando do Grupo de

Acolhimento do CAPS II – Casa dos Artistas. Em dezembro de 2019, realizou a mostra de trabalhos finais do curso com banca popular e a

entrega dos certificados aos 45 participantes e equipe organizadora da 1ª edição do curso.

Em 2020, o curso foi reformulado para a modalidade de Educação à Distância (EaD), tendo suas atividades reprogramadas para que ocorram por meio de videoconferências com convidados nacionais, leitura e reflexão de texto temático, exibição de filmes e realização de tarefa na forma de atividade de expressão. Essa reformulação possibilitou a realização da 2ª edição do curso durante as medidas de isolamento e afastamento social de enfrentamento da pandemia da COVID-19.

O curso será realizado de julho a dezembro de 2020, sendo que nos meses de julho a novembro, uma vez por mês ocorrerão as rodas formativas virtuais entre cursistas, equipe e convidados, por videoconferência. Ao longo do mês, os cursistas realizarão as demais atividades do curso, totalizando uma carga horária de 3 horas semanais. Em dezembro, acontecerá a apresentação das atividades de expressão dos cursistas em grupos virtuais. Todas as atividades do curso foram pensadas para ser realizadas utilizando os aparelhos celulares, de modo a não dificultar o acesso dos cursistas, assim como os dias e horários das videoconferências serão fora do horário de trabalho, privilegiando momentos da presença dos cursistas em suas casas.

Abordagens do suicídio: cuidado, acolhimento e prevenção

As abordagens do suicídio devem ser construídas de forma coletiva e interdisciplinar de modo a lidar com sua complexidade (BOTEGA, 2015, p. 193-208). Neste sentido, a área da saúde tem se constituído o setor mais convocado para apresentação de planos de enfrentamento e intervenção do fenômeno.

Todavia, as determinações sociais e epidemiológicas do suicídio revelam a necessidade da construção de projetos coletivos e comunitários de acolhimento e cuidado às pessoas, comunidades, vítimas e sobreviventes, no âmbito dos territórios e suas características (ESTELLITA-LINS, 2017, p. 181-198) e isso implica, necessariamente, na realização de processos educativos e participativos de sensibilização, reflexão e debate em torno do tema como primeira e principal estratégia para construção de abordagens coletivas, humanizadas e preventivas do suicídio (ESTELLITA-LINS, 2012, p. 135-143).

Considerando que o suicídio tem registro frequente na cidade de Ouro Preto e região das cidades históricas (SIMÕES; CANTÃO; BOTTI, 2015), chegando a apresentar maiores taxas de suicídio quando comparado com a taxa do Estado de Minas Gerais, sendo que sua percepção e vivência no âmbito das comunidades gera buscas aos serviços públicos de maneira geral. Alertando a urgente realização de educação permanente dos profissionais para apoiá-los no acolhimento e cuidado das vítimas e sobreviventes. Casos de mortes por suicídio entre jovens e estudantes universitários exigem a ampliação dos espaços de debate e construção de projetos, a fim de superar a medicalização dos processos de ensino – aprendizagem e a fragmentação das ações institucionais de cuidado e prevenção.

Além disso, considerando que o suicídio na abordagem da saúde pública e coletiva tem forte determinação no território e suas relações de produção social, a região de Ouro Preto / MG encontra-se vulnerada e vulnerável devido às tragédias socioambientais provocadas pela exploração mineral na região. Combina-se a este cenário, a forte crise financeira que atinge as famílias e governo municipal. Nesse contexto, a

construção de projetos coletivos, comunitários e planejados de abordagem ao suicídio mostrou-se urgente e necessária.

O curso de extensão “Abordagens do suicídio: cuidado, acolhimento, prevenção” constituiu-se como promotor de um movimento social e comunitário para reflexão e abordagem do suicídio com foco no cuidado e acolhimento às pessoas e trabalhadores. Sendo assim, como curso – movimento buscou articular Universidade – Comunidades – Serviços Públicos para construção coletiva de modos e projetos de abordagens do suicídio.

O curso realizou três rodas formativas como técnica de troca de saberes em rodas de conversas e aulas públicas. A proposta desse

curso foi construída por meio de rodas de conversas entre profissionais e gestores do SUS e da saúde mental, tendo garantida a participação de representantes de outros setores da comunidade: assistência social, educação, igrejas, câmara de vereadores, conselho de saúde e sociais.

Participaram do curso, profissionais de saúde, educação, assistência social e outros, além de representantes das comunidades, poderes legislativo e judiciário, num total de até 150 cursistas. Os cartazes de divulgação das rodas formativas foram ilustrados com imagens produzidas por usuários dos três CAPS de Ouro Preto, conforme Figura 4.



Figura 4. Cartazes de divulgação das rodas formativas do curso de extensão Abordagens do suicídio: cuidado, acolhimento e prevenção, 2019

A primeira e a segunda Roda Formativa tiveram 159 convidados cursistas, sendo 113 presentes e 46 faltantes. Ademais, dentre os presentes 92 eram mulheres e 21 homens. A terceira Roda formativa contou com 90 presentes, sendo 70 mulheres e 20 homens. Os cursistas eram da área da saúde (61), educação (26), assistência social (14), estudantes (11), outros (34). Além dos convidados cursistas, as palestras na parte da manhã tiveram a presença dos não-cursistas. A primeira Roda teve 72 participantes

não-cursistas, sendo 58 mulheres e 14 homens, a segunda Roda teve 96 não-cursistas, sendo 80 mulheres e 16 homens e a terceira roda teve 53 não-cursistas, sendo 40 mulheres e 13 homens.

Uma proposta do curso foi a constituição do grupo condutor composto por 20 pessoas representantes de diversos setores da sociedade (saúde, educação, assistência social, bombeiros, Centro de Valorização da Vida – CVV , conselho de saúde, etc.) que tiveram como papel coordenar as 10 rodas restaurativas (rodas de até

15 cursistas) no início e encerramento do curso. As rodas restaurativas tiveram como objetivo proporcionar aos cursistas integração e vínculo para construção de propostas de abordagens do suicídio através do cuidado e acolhimento. As rodas restaurativas produziram documentos e informações para serem utilizados na construção do programa de prevenção do suicídio em Ouro Preto e UFOP. Na Figura 5 mostramos os participantes do curso de extensão realizando as rodas restaurativas.

Ademais, o curso proporcionou a iniciativa de criar um Comitê e Programa de Prevenção do

suicídio no município de Ouro Preto. Tal Comitê seria pautado na intersetorialidade e intrasetorialidade. As principais atividades desenvolvidas para mobilização e sensibilização acerca do suicídio será um diagnóstico local, eventos, capacitação, formação, educação, uso da internet para o maior alcance das pessoas e presença de uma supervisão técnica com especialistas.



Figura 5. Rodas Restaurativas do curso de extensão Abordagens do Suicídio: cuidado, acolhimento e prevenção, 2019

Durante a Cerimônia de Encerramento da primeira edição do curso houve a formulação de propostas abertas acerca da atuação sobre o fenômeno do suicídio na região. Ademais, a proposta de apropriação da metodologia do Centro de Valorização da Vida (CVV) como parte do conteúdo programático utilizado nas capacitações, a oferta de mais capacitações para os participantes do curso, proposta de acolhimento pelo abraço e pela escuta, expansão

da ideia de pertencimento do sujeito e intervenções artísticas em locais ligados a prática do suicídio (arte jovem, grafite, música, entre outras).

Na Figura 6 temos o momento da grande roda de encerramento do curso de extensão Abordagens do suicídio, registrado e divulgado

pela Assessoria de Comunicação Institucional da UFOP¹.



Figura 6. Grande roda de encerramento do curso de extensão Abordagens do Suicídio: cuidado, acolhimento e prevenção, 2019

Em 2020, o curso de extensão Abordagens do suicídio se juntará ao curso de extensão Saúde Mental, Direitos Humanos e Atenção Psicossocial na modalidade à distância, com previsão de ofertar mais 100 vagas para formação dos profissionais da saúde e educação da cidade.

A Comunidade de Fala de Ouro Preto

Falar de autonomia, protagonismo e empoderamento de usuários de serviços de saúde mental faz parte de uma nova perspectiva em saúde. São expressões e principalmente, atitudes que passam a permear o cotidiano de muitos usuários, familiares e profissionais da saúde mental. São fundamentais os dispositivos de atenção em saúde mental que oferecem cuidado sob a lógica da humanização, tendo a transversalidade como princípio. Espaços de participação ativa dos usuários em seus tratamentos, dando-lhes visibilidade, lugar de fala e oferecendo-lhes espaço para o exercício da cidadania.

A Associação de Usuários e familiares da Saúde Mental de Ouro Preto (ACOLHER) é uma organização e espaço de valorização, promoção e divulgação do trabalho e direitos humanos das pessoas com sofrimento psíquico. A comunidade de fala visa potencializar esse lugar e o poder de fala dessas pessoas criando e divulgando apresentações onde possam contar suas histórias de superação e cuidado.

As conferências da comunidade de fala (CDF) da saúde mental de Ouro Preto serão realizadas mensalmente (agosto a novembro de 2020), na modalidade remota, devido a pandemia da COVID-19, estando abertas a estudantes, moradores e comunidades da cidade, por meio das redes sociais da *Internet*. Espera-se construir um espaço permanente de reivindicação e defesa dos direitos humanos dos usuários e equipes da saúde mental de Ouro Preto. Essa proposta de continuidade é uma forma de sustentação das atividades do projeto, respeitando disponibilidade de recursos tecnológicos e instrucionais dos participantes.

Vídeos-narrativas substituirão as apresentações presenciais da CDF Ouro Preto e serão amplamente disponibilizados aos serviços de saúde e educação do município, além das redes sociais e de comunicação da UFOP e Secretaria de Saúde da cidade. Espera-se que o projeto contribua com o enfrentamento da pandemia na medida em que possibilita a expressão de sentimentos, histórias e superação dos transtornos mentais. A Figura 7 representa a logomarca do projeto elaborada pela estudante bolsista em parceira com toda equipe.

¹ Disponível em <https://ufop.br/noticias/extensao-e-cultura/curso-abordagens-do-suicidio-e-encerrado-com-propostas-de-acolhimento-e> .

Práticas Integrativas; Aos estudantes bolsistas e voluntários do programa de extensão: Alex Jose Porto Nogueira, Alice Maria Gomes Santos, Debora Lourdes Martins Vaz (bolsista), Erika Danielle Pereira dos Santos, Flavia Ferreira da Silva Lima, Gabriel Araújo Moura Leite (bolsista), Jackline Zonta de Moura, Juliany de Paula Nascimento, Luana Coutinho Dias de Oliveira, Lucas Campos Reis, Lucas de Lazare Rodrigues, Luís Heitor Marci Tette, Marinalva Maria De Brito, Matheus Dos Anjos Evangelista, Matheus Vidal Oliveira, Rogerio Pinheiro Rodrigues, Tamires Assunção Fernandes, Tarlon Carlos Ferreira de Almeida, Yasmim Nogueira Medina, Cesar Henrique Pereira, Gabriela Cristina Novaes Park, Gisele de Oliveira Guerra, Juliana Fraga Bhering, Karine Marlleny Neves Correa (bolsista), Ana Carolina Araújo Vaz (bolsista), Ana Clara Abreu Miller, Izabella Nolasco Malagoli Resende, Alice Rocha Quintão, Amanda Goncalves da Silva (bolsista), Ane Karoline Rodrigues Frois, Giovana Dias Paiva, Gustavo Sabec Folgueral (bolsista), Luciana Siuves Ferreira Couto, Maria Luisa De Lima Cesar.

Referências

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 2067-2074, Jun. 2018.

BARBOSA, Valquíria Farias Bezerra; MARTINHAGO, Fernanda; HOEPFNER, Ângela Maria da Silva; DARÉ, Patrícia Kozuchovski, CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. O cuidado em saúde mental no Brasil: uma leitura a partir

dos dispositivos de biopoder e biopolítica. **Saúde em Debate**, v. 40, n. 108, pp. 178-189, 2016.

BAREMBLITT, Gregório. **Grupos: teoria e técnica**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

BEZERRA, Olívia Maria De Paula Alves et al. Pênfigo Foliáceo Endêmico (Fogo Selvagem) e sua associação com fatores ambientais e ocupacionais em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 225-232, 2017.

BOTEGA, Neury José. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde mental** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 176 p.: il. (Cadernos de Atenção Básica, n. 34). Disponível em http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_34.pdf . Acesso em: 30 mai 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CHAUCHARD, Paul. **O acolhimento: psicofisiologia e educação da receptividade**. São Paulo: Edições Paulista, 1973.

COSTA, Elisangela dos Santos; NOAL, Martha Helena Oliveira. O papel do projeto "Comunidade

de fala" no empoderamento e recovery de usuários dos serviços de saúde mental.

Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, v.9, n. 21, 2017.

DOLNY, Luise Lüdke et al. Educação permanente em saúde (EPS) no processo de trabalho de equipes de saúde da família (ESF). **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n 1, 2020.

ESTELLITA-LINS, Carlos. Manejo do Risco de Suicídio na Atenção Básica. In://: SOALHEIRO, Nina (org.). **Saúde Mental para a Atenção Básica**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2017.

ESTELLITA-LINS, Carlos. **Trocando seis por meia dúzia**: suicídio como emergência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

FIGUEIREDO, Adriana Maria de; RIBEIRO, Gustavo Meirelles; REGGIANII, Ana Luiza Martins; PINHEIRO, Bruno de Araujo; LEOPOLDO, Gabriela Oliveira; DUARTE, Jessica Almeida Horta; OLIVEIRA, Ligia Barros de; AVELAR, Luisa Martino. Percepções dos estudantes de medicina da UFOP sobre sua qualidade de vida. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p. 435-443, Dec. 2014.

FREITAS, Silvia Nascimento de; CAIAFFA, Waleska Teixeira; CÉSAR, Cibele Comini; FARIA, Valéria Andrade; NASCIMENTO, Raimundo Marques do; COELHO, George Luiz Lins Machado. Risco nutricional na população urbana de Ouro Preto, sudeste do Brasil: estudo de corações de Ouro Preto. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 88, n. 2, p. 191-199, 2007.

FURTADO, Juarez Pereira; ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa; MOREIRA, Maria Inês Badaró; TRAPE, Thiago Lavras. A elaboração participativa de indicadores para a avaliação em saúde mental. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 102-110, jan. 2013.

GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: Para quê? **Instituto Paulo Freire**, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf . Acesso em: 24 ago 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. **IBGE Cidade**, 01, Jun., 2020. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/panorama>. Acesso em: 01 jun 2020.

JESUS, Edvanda Borges Pereira de. Os círculos restaurativos e suas práticas. In: XIII SEMINÁRIO NACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 2017, Santa Cruz do Sul, **Anais**. Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sn/article/view/16949> . Acesso em: 28 mai 2020.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. O processo grupal. In: Lane, Silvia T.M; Codo, Wanderley (Org). **Psicologia Social – O homem em movimento**. 8ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MARINHO, Carolina Coimbra; COSTA, Fernanda Mendes Pinheiro; FERREIRA, Wandicléia Rodrigues; BARBOSA, Keila Furbino;

FIGUEIREDO, Sônia Maria de; SANTOS, Carolina Ali; MACHADO-COELHO, George Luiz Lins. Características demográficas, clínicas e epidemiológicas das pessoas vivendo com HIV/Aids em Ouro Preto (MG). **Gerais: Revista de saúde pública do SUS/MG**, v. 5, n. 1, p. 69-82, 2017. Disponível em https://www.saude.mg.gov.br/images/anexos/revisita/Revista-Gerais_Volume-5_Numero-1_Janeiro-junho-2017.pdf. Acesso em: 25 mai 2020.

MENDES, Jacira de Oliveira. **Afirmção da Reforma Psiquiátrica**: um olhar sobre o CAPS1 Ouro Preto / MG. 2018. Mariana, MG, 2018. 79 p. TCC (Graduação em Serviço Social) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018. Disponível em https://www.monografias.ufop.br/bitstream/3540000/1247/1/MONOGRAFIA_Afirma%C3%A7%C3%A3oReformaPsiqui%C3%A1trica.pdf . Acesso em: 22 mai 2020.

MENDES, Tatiana de Medeiros Carvalho; BEZERRA, Hélyda de Souza; CARVALHO, Yasmin de Medeiros; SILVA, Letícia Goes da; SOUZA, Chintia Maria Cibelle de Lima; ANDRADE, Fábila Barbosa de. Interação ensino-serviço-comunidade no brasil e o que dizem os atores dos cenários de prática: uma revisão integrativa. **Revista Ciência Plural**, v. 4, n. 1, p. 98-116, jul. 2018.

NUNES, Mônica de Oliveira; LIMA JÚNIOR, João Mendes de; PORTUGAL, Clarice Moreira; TORRENTÉ, Maurice de. Reforma e contrarreforma psiquiátrica: análise de uma crise sociopolítica e sanitária a nível nacional e

regional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 12, p. 4489-4498, Dec. 2019.

PRADO, Isabel Cristina de Almeida. **A Dança dos opostos**: Tai Chi e reconciliações no SUS. 2017. Rio de Janeiro, RJ, 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes%5B%5D=7934&processar=Processar . Acesso em: 20 mai 2020.

PRANIS, Kay. **Processos Circulares**. 1 ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2010.

ROGERS, Carl R. **Grupos de encontro**. 9. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SIMÕES, Beatriz Faria; CANTÃO, Luiza; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Suicídio em cidades históricas de um estado brasileiro. **Rev RENE**, v. 16, n. 2, p. 250-257. mar-abr, 2015.

TESSER, Charles Dalcanale. Medicalização social (II): limites biomédicos e propostas para a clínica na atenção básica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, n. 20, p. 347-362, 2006.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão; WEINGARTEN, Richard; LEME, Carla C. Cavalcante; NOVAES, Patrícia Ramos. **Reinventando a vida**: narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental. Rio de Janeiro-São Paulo: HUCITEC, 2005.

WARSCHAUER, Cecília. **Entre na Roda!** A formação humana nas escolas e nas organizações. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

WEINGARTEN, Richard. Quem são na verdade os chamados 'doentes mentais'? *In:* **Reinventando a vida:** narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental. Rio de Janeiro-São Paulo: HUCITEC, 2005.

ZARA, Anamelia F. Prado; TRAUTWEIN, Carmen T.G.; AQUINO, Jaize C. de; D'URSO, Lourdes A.; SIEBERT, Marisa C. Grupo de Acolhimento em Saúde Mental e Reabilitação na Atenção Básica: uma reflexão sobre a potência de dispositivos grupais. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 17, n. 1/2, p. 77-97, fev. 2008.